DUAS OPINIÕES A SEREM REVISTAS

Como se constitui a vida antroposófica quando se desenvolve nos mencionados países? Tal pergunta já foi várias vezes formulada e até respondida. As considerações a seguir, porém, pretendem levar à conscientização das pré-condições científico-espiritu - ais do tema, visto que tanto a pergunta como as possíveis res - postas inevitavelmente atingem a Comunidade de Cristãos aqui no Brasil. Inicialmente devemos nos reportar a duas opiniões, as quais afirmam que: a) nos países ora em apreço deve-se contar com fortes influências da alma da sensação; b) a América do Sul em especial apresenta uma certa relação com a sexta época cultural. Esta última assertiva geralmente é feita de maneira vaga. Os efeitos produzidos por tais insinuações não devem ser debitados à respeitável personalidade que nos informa o seguinte: "Entre 1934 e a data de sua morte, ouvi do Dr. Rittelmeyer uma declaração que atualmente só posso reproduzir com minhas próprias palavras, mas creio e espero que quanto ao conteúdo se

jam idênticas: Segundo ele, Rudolf Steiner o informara que, no caso de a evolução dos fatos impossibilitar o desdobramento cultural da época do "Eu espiritual" na Rússia, ela poderia dar-se na América do Sul. Minhas lembranças são tais, que Rudolf Steiner falava de uma possibilidade, não de algo inevitável."

Na forma em que esta declaração aqui se apresenta não significa que a América do Sul teria a mesma missão que a Russia, e muito menos justifica a suposição de que ela se restrinja a determinado país. De qualquer modo, ambas as opiniões têm a vantagem de demonstrar os elementos que delas fazem uma indagação da ciência espiritual, ou seja, o aspecto pelo qual se reconhece os traços característicos de um povo e que demonstram, qual o membro da entidade humana por ele desenvolvido bem como sua relação com a seqüência das épocas culturais.

DADOS PRELIMINARES

Sempre são pessoas individuais que se defrontam com a Antroposofia. As forças naturais e coletivas atuantes em seu destino determinam de múltiplas formas a estruturação específica dos vários elementos ("membros") de sua entidade humana, dos quais precisamos ter uma visão diferenciada e abrangente para podermos descrever, de que modo sua defrontação com a Antroposofia foi também por eles determinada:

I) Já em virtude da predisposição individual um ou outro membro da entidade humana pode sobressair-se aos demais (por exemplo, a "alma da consciência" em João Guimarães Rosa, a "alma da sensação" em Gabriel Garcia Marques, a "alma do intelecto e do afeto" em Jorge Luís Borges ou Ignácio de Loyola Brandão).

II) Na medida em que os "membros" da entidade humana amadurecem ao longo dos setênios da vida, predomina o 'membro' que caracteriza o respectivo setênio.

III) Além disso, a origem regional ou ascendência tribal acentuam certos elementos da entidade humana.

IV) Isso, porém, em intercâmbio com o "Espírito-Guia" do povo em questão. (Assim, a cultura da alma da sensação na Itália ressalta como elemento do Espírito Italiano, enquanto que na Baviera ela se evidencia como propriedade de origem tribal ou regional).

V) O desenvolvimento regular das épocas culturais propõe à Humanidade como um todo a grande tarefa de desenvolver determinado membro da entidade humana. Hoje, como é sabido, ela consiste na cultura da alma da consciência.

VI) A par disto, sem dúvida há "reservas" nas quais certas po

pulações permanecem em estágios mais antigos de evolução; isto se aplica aos esquimós, bosquímanos, índios pré-co - lombianos, entre outros.

VII) Cada época cultural contém a herança ou "sombra" da época anterior e os "germes" da época subsequente.

VIII) Finalmente, também os povos têm suas idades e graus de de senvolvimento. Os povos germânicos, cujos descendentes hoje formam parte da vanguarda da cultura da alma da cons ciência, na época de Cristo foram mantidos no estágio da alma da sensação! - O desdobramento do "Eu espiritual" na sexta época cultural cronologicamente deverá seguir-se ao da alma da consciência, mas interiormente dará sequência à linha iniciada com a modificação do corpo astral em alma da sensação.

Os aspectos mencionados sob ítens I) e II) valem praticamente para todo o mundo. Um português ou paraguaio aos 40 anos pode estruturar seu âmbito de vida com as forças da sua alma da consciência, de modo tão autônomo quanto o deveria fazer um holandês ou inglês da mesma idade. No Brasil, por exemplo, pode-se facilmente observar que, em certas regiões, predominam (III) determinadas forças anímicas. A questão (IV) das qualidades anímicas cultivadas pelo "Espírito-Guia" de um povo requer um cuidadoso estudo para cada país de per si; a frequência, no entanto, com que tem sido usado o predicado "alma da sensação" faz supor que neste âmbito há enganos.

A proposição de tarefas da nossa época cultural (V) é tão urgente nos países latinos do Mediterrâneo, do Caribe e da América do Sul quanto em qualquer lugar da Europa; os problemas sociais que caracteristicamente se apresentam em toda parte disto dão testemunho, bem como as exigências da moderna ciência, tecnologia e economia. Um índio do Amazonas ou um bosquímano podem, por um feliz destino, permanecer resguardados em sua reserva de passado (VI) - mas as camadas responsáveis do povo no Brasil ou na África do Sul forçosamente devem confrontar-se com a era da alma da consciência.

A passada (quarta) época cultural greco-romana promoveu o des - dobramento da alma do intelecto e do afeto. Os frutos deste estágio de evolução levam o ser humano que se encarna na atualidade ou em futuro próximo a trabalhar em sua alma da consciência. Mas as formas que se estruturaram durante a quarta época cultural continuam a existir como resíduos solidificados (VII). Rudolf Steiner resume tais fenômenos culturais cada vez mais anacrônicos sob a denominação de "Romanismo". No entanto, da cultura do sexto período pós-atlântico propriamente dita hoje só podem ser visualizados os germes, a substância da qual há de

formar-se, e a lua sob a qual irá amadurecer. Movimentos tais como o antigo "pan-eslavismo" nesse contexto não podem ser considerados como fenômenos culturais, mas apenas como conglomerados de programas teóricos e emoções nacionalistas.

A ANTROPOSOFIA COMO ENTIDADE ABRANGENTE DA HUMANIDADE

Quando a pessoa individual se defronta com a Antroposofia, esta a solicita como membro da Humanidade. O novo, inabitual, o desafio espiritual contido na Antroposofia, em regiões extra-européias é às vezes confundido com os vestígios de sua origem européia. Com base em tal confusão muitas vezes pede-se uma "metamorfose" da Antroposofia que se enquadre no caráter do próprio povo. O que se sugere é sobejamente conhecido justamente daquele que está entrosado nas condições centro-européias: o intelectual português talvez exija um reajustamento da ciência espiritual à sua formação universitária, o estudante brasileiro quer um enfoque mais "social", a dona de casa argentina talvez pergunte o que a educação Waldorf de seus filhos tem a ver com a reencarnação ou com aparelho de televisão na sala de estar etc. Todos eles mal sabem que exatamente este tipo de pergunta é formulado há setenta anos na Suiça, na Holanda e na Alemanha por aqueles que se defrontam com a Antroposofia - e tanto aqui como ali o que as pessoas realmente perguntam é: a Antroposofia não pode ser um pouco mais cômoda? Quem confunde o movimento da ciência espiritual com seu local de origem corre o risco de, na sequência, ouvir a voz do duplo supondo tratar-se da voz do Espírito do seu próprio povo.

Quem, no entanto, se faz portador do impulso antroposófico, coloca-se livremente dentro de uma corrente evolutiva que não só abrange e interpenetra as forças criadoras de cultura da alma da consciência, mas além disso, mediante sua espiritualização, prepara o terreno para o desenvolvimento do "Eu espiritual" (para as pessoas que vivem no âmbito social das instituições disto decorrentes pode justificadamente valer algo diferente). Em outras palavras: A Antroposofia como caminho de desenvolvimento espiritual adequado à alma da consciência não pode ser "enxertada" em uma cultura da alma da sensação, pois - independente da pergunta, se e onde existe hoje uma tal cultura - ela então assemelhar-se-ia a algo como a mitologia germânica ou o culto dos mistérios egípcios. Suas manifestações vitais em determinado país, no entanto, podem muito bem ser impregnadas pelo matiz da alma da sensação, como o são os quadros de Rafael-elas, as manifestações, com isso só têm a ganhar.

AS VERDADEIRAS PROPOSTAS

Mais crítico é o confronto com a herança da quarta época cultural, ou seja, do "Romanismo". Aqui, no máximo poderia sur -

gir algo que a alguns poderia parecer uma metamorfose da Antroposofia: o desembocar dos impulsos antroposóficos em meras instituições sociais; a solidificação do esforço espiritual em "jogos de contas de vidro" puramente intelectuais ou sua dissolução em vivências meramente emocionais; a existência paralela de uma vida burguesa e de um "hobby" espiritual; a fé em uma autoridade dogmática... Quem compreendeu estes e outros fenômenos característicos da alma do intelecto, que ocorrem já na Europa a serviço de uma cultura em fase descendente, saberá avaliar os respectivos fatos também em outros países...

Até agora foi pouco levado em consideração que o confronto com os resquícios da quarta época cultural tem o seu polo oposto no trato com os primeiros indícios da sexta época. R.Steiner muitas vezes se pronunciou sobre a grandeza daquilo que vem se preparando na Europa oriental; com mais frequência ainda falou sobre os perigos do êxtase e da embriaguês que nisto podem inflamar-se. Deu indicações sobre o fato de a tarefa específica da Rússia - o desenvolvimento da fraternidade em sentido espiritual (filadelfia) - poder ser pervertida enquanto houver confusão entre este devir futuro e os restos de uma antiga animicidade grupal, ao proclamar-se esta última como razão máxima da convivência social: a individualização como premissa indispensável para a livre formação da comunidade é sufocada pela prazerosa vivência de grupo.

Em virtude do usc leviano que se tem feito em parte da declaração de R.Steiner a respeito da América do Sul, mencionada no início deste artigo, pelo menos no Brasil o problema da alma grupal foi teoricamente aguçado: por isso existe uma tendência-também por parte de viajantes que publicam matéria sobre a América do Sul - de considerar uma intensa vida comunitária que ressalta à vista ou uma predisposição ao sacrifício com metas de cunho social - para a qual, na verdade, qualquer um está convocado, mesmo não sendo antropósofo! - como alternativa válida para o aprofundamento espiritual. Trata-se de um engano tão sedutor quanto pleno de consequências.

O que, afinal, há de ser com as almas populares que apressada e vagamente foram qualificadas de almas da sensação, merece um exame mais acurado, sendo que talvez se deva dar a maior importância ao aspecto mencionado sob item VIII). As pessoas avaliadas por um tal prisma, aliás, elaboraram um clichê complementar: a horripilante (e ridícula) fábula da frieza com que os europeus se tratam uns aos outros... Na verdade, o coração bate tão carinhoso e forte no peito de um "frio" norueguês quanto no de um mexicano "esquentado"; um o protege pelo fogo, outro pela frescura de sua alma. O coração só pode ser achado lá no fundo de qualquer um deles e é lá que deve ser procurado, pois: nem a alma grupal luciférica, nem a instituição arimânica possuem um coração!

O QUE É UM POVO?

"Povo" e "nação" são conceitos básicos também da teologia cristã. Designam uma realidade, cujo papel importante na evolução da humanidade se torna visível especialmente no Apocalipse. É evidente que o sentido destes dois conceitos, como usados no Novo Testamento, é diferente daquilo que, por exemplo, um jornalista ou sociólogo moderno entende por "povo" ou "nação". - O grego bíblico usa a palavra "ethnos" onde o português diz "povo"; o plural "ethnoi", porém, não significa apenas "povos, nações", mas também:os pagãos! O que, aliás, já não é mais tão surpreendente, se considerarmos que as palavras "gente" e "gentios", ambas oriundas da mesma raiz latina, também refletem esta relação - e no hebraico "goyim" significa tanto "os povos"como "os pagãos".

O vocábulo grego "laós", que se encontra com frequência no Novo Testamento, significa "povo escolhido pela divindade" ou " povo sagrado". Entre "ethnos" e "laós" há uma certa tensão espiritual, que se exprime já na relação entre o povo de Israel e os outros povos, ou seja, os "goyim" - tensão que passa por uma metamorfose no momento em que o cristianismo entra na evolução da humanidade, como veremos mais adiante. - Para compreendermos a fundo a posição cristã diante dessas questões, é preciso esclarecer antes quais são as realidades espirituais que atuam no "mundo dos povos" até hoje.

OS ESPÍRITOS-GUIAS

Cada povo possui algo como um "corpo", isto é, um conjunto complexo de diversos fatores: elementos geográficos e geológicos do seu território, qualidades hereditárias da população; o sistema da agricultura, urbanização de vias públicas etc.. Além disso, possui seu "temperamento", isto é, o total das forças vitais que atuam na sua formação; a distribuição específica dos quatro tipos básicos do "éter" no território do povo cria a atmosfera inconfundível de uma determinada paisagem, sendo que o conceito "paisagem" marca justamente a transição do meramente físico-que chamamos de "território" - para o nível das forças etéricas ou vitais. Naturalmente, este "temperamento" se exprime também nos costumes, no folclore e na índole do povo.

A alma do povo vivenciamos nas obras de cultura: arte, literatura, arquitetura, bem como na consciência histórica em geral, na mitologia, no idioma e nos anseios e aspirações coletivos do povo.

Rudolf Steiner foi, ao nosso ver, o primeiro a expor o que são, afinal, os espíritos dos povos: trata-se de determinados seres

espirituais, pertencentes à ordem hierárquica dos arcanjos. Estes espíritos-guias encontram, entretanto, diversas condições nos seus respectivos "corpos"...

Na Ásia, predominam a base hereditária e a religião de cada nação. Lá vemos muitos povos com uma religião própria: o Confucionismo na China, o Shintoísmo no Japão, o Hinduísmo na Índia, o Zoroatrismo na Pérsia; por outro lado, um japonês, um malaio, um árabe são nitidamente distintos pelas propriedades da pele, do cabelo, da fisionomia.

No ocidente, isto é, nas duas Américas, ao contrário, os povos consistem de uma mistura de várias raças. Lá é a terra que desempenha o papel integrante: a tarefa de convívio num dado espaço, determinado pelos fatos geográficos, econômicos e históricos.

Entre os povos europeus predomina a dimensão do tempo, ou seja, a história como tal. Lá é (ou deveria ser) a responsabilidade pelo passado e a consciência de ter uma missão futura que una a nação interiormente. - Este quadro "tripartido" do mundo dos povos não significa que as respectivas bases da formação de um povo, no oriente, ocidente ou no centro, atuem só em uma parte da humanidade, e não nas outras; o que nós queríamos mostrar é a maneira como princípios diferentes predominam em certas regiões. — Existem, então, muitos povos no nosso mundo - mas existe apenas um Estado! Na verdade não existem Estados diferentes. O Estado, como instituição, não é idêntico ao povo que, eventualmente, se organiza nele. A forma do Estado se desenvolveu no lugar das antigas teocracias, seguindo o exemplo histórico do império romano. O Estado também é um conceito teológico, ou melhor, apocalíptico, porém não tem nada a ver com a essência espiritual dos povos.

HÁ POVOS ESCOLHIDOS?

O Antigo Testamento narra como a transmissão hereditária, a religião, a história, o reino, até a vida jurídica e econômica de um só povo, foram sagrados pelo objetivo de criar o vaso para a encarnação do Verbo Divino. Teologicamente, isso significa: o "Povo dos Povos" conduz, a partir do "Pai" - que atua na corrente hereditária - até o "Filho do Homem", sendo este último o representante da Humanidade unida pelo destino terrestre. É nesse sentido que o termo "laós" do Novo Testamento pode ser atribuído, no seu significado mais estreito, ao povo judeu.

O "Filho do Homem" coincide, antropologicamente, com a "alma da consciência" (v. "Teosofia" de R.Steiner) em que o "Eu" humano adquire seu pleno vigor e realidade. E o "Eu" nos dá a possibilidade de sermos, além de representantes de um determinado povo, aspirantes para a "Humanidade Unida", o que, aliás, seria uma boa tradução do termo tradicional latino "Una Sancta".

Em certas características do povo russo pressentimos o amanhecer de uma evolução futura que guiar-nos-á do Deus Filho, ou seja, do Filho do Homem para o "Eu Espiritual", a manifestação antropologica do Espírito Santo. Ao revelar este fato comovente, R.Steiner faz questão de lembrar que uma tal missão não é, para o respectivo povo, razão para altivez ou, até mesmo, "chauvinismo espiritual", mas sim para humildade e responsabilidade. E esta missão, como justamente a História Russa mostra, pode envolver grandes sofrimentos.

COMO ME RELACIONAR COM MEU PRÓPRIO POVO?

Logo que reconhecemos o arcanjo, o espírito-guia, como origem dos impulsos do povo a que pertencemos, surgem as seguintes perguntas: quais são os intentos do "meu" arcanjo? Qual é sua relação para com o Cristo? O meu povo já está disposto a transformar-se de "ethnos" em "laós", isto é, de cumprir sua missão como integrante da Humanidade toda, na época atual? Estas perguntas marcam o nível em que, unicamente, os problemas prementes de nacionalismo etc., serão resolvidos.

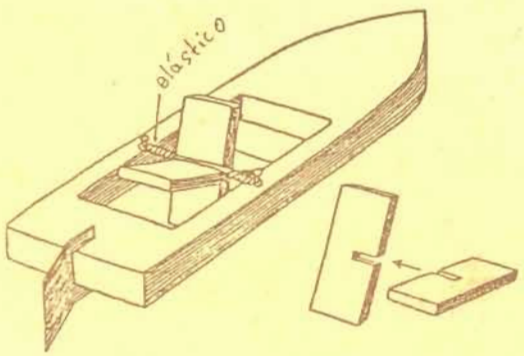
Mas o quadro é mais complexo e mais entusiasmante ainda. - Na "Legenda áurea" do dominicano Jacobus de Voragine, escrita entre 1263 e 1273 d.C., lemos: O arcanjo Micael atuava na era pré-cristã especialmente no destino do povo judeu (embora não exclusivamente) e na época atual, ele quer despertar a consciência da Humanidade diante do mundo espiritual.

A decisão de ligar-se ou não ao arcanjo de um determinado povo é "opcional", como a de ficar solteiro ou casar-se. O indivíduo tem plena liberdade de colocar, em primeiro lugar, sua responsabilidade diante da Humanidade toda e tornar-se, assim, um "Micaelita", juntando-se à comitiva de Micael o Espírito regente na nossa época e seguindo, dessa maneira, a chamada feita no século passado, pelo filósofo J.G. Fichte - "Quem tem fé na espiritualidade e na liberdade do espírito, ansiando pela eterna evolução dessa espiritualidade livre, é da nossa estirpe e será nosso aliado".

A opção para um determinado povo, entretanto, também deveria ser baseada em princípios ético-espirituais e incluir a prontidão de aceitar os resultados do fado passado do povo, bem como o esforço de reconhecer claramente as suas tarefas atuais e realizá-las, sentindo a responsabilidade pelo futuro. Visando esse caminho, é bom saber que o mundo dos povos, hoje, já não pode ser procurado no plano físico, mas sim no reino da beleza e dos valores culturais. "Povo, isso significa: as riquezas da Humanidade, a síntese entre individualidade e universalidade. Até o menor entre todos os povos possui suas próprias cores, esconde uma semente singular que provém das idéias divinas", diz

Aleksandr Solzhenitsin.

As belezas e riquezas do "Mundo dos Povos", agradecemos ao Pai. O Cristo, além de ser o "Novo Adão", é o supremo Espírito-Guia do "Povo da Humanidade", ao qual aponta o Arcanjo Micael. -"Mas vós sois a raça eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes Daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; Vós, que outrora, não éreis povo, mas que agora sois povo de Deus." (1.Petr.2, 9--10)



NESTE NÚMERO: **Pág.**

★ FILHO DE DEUS E FILHO DO HOMEM, de R.Frieling 1
★ O CULTO E A COMUNIDADE, de K.v.Wistinghausen 2
★ "REFORMA" OU "RENOVAÇÃO RELIGIOSA"?, de A.Heidenreich . . 3

★ JOÃO DA CRUZ E SOUSA, de G.Suwelack 6
★ A CIÊNCIA ESPIRITUAL NA AMÉRICA LATINA. 10

★ MICAEL E O "MUNDO DOS POVOS" 15